

GEOGRAFISMOS E CULTURA POPULAR

FIGUEIREDO, Anderson Ribeiro; ^{a*} PIRES, Claudia Luisa Zeferino; ^b
HEIDRICH, Alvaro Luiz ^c

(a) Doutorando em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre (RS), Brazil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0228-249X>. CURRICULUM LATTES: <http://lattes.cnpq.br/153846222559608>

(b) Dr^a. em Geografia. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre (RS), Brazil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5457-7401>. CURRICULUM LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2211975057675229>

(c) Dr. em Geografia. Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre (RS), Brazil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1767-1575>. CURRICULUM LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1355288214630167>

(* CORRESPONDING AUTHOR

Address: UFRGS, Avenida Bento Gonçalves 9500, 91540-000, Campus do Vale, Porto Alegre, RS, Brazil. Tel: (+55 51) 33086341

E-mail: anderson.figueiredo@ufrgs.br

RESUMO

As periferias das cidades e seus moradores são representados por estigmas que se (re)produzem com marcas de um estereótipo imutável, através de valores depreciativos, que atribuem a eles as mazelas da cidade. Contudo, é importante investigar se a cultura dessas populações é formada apenas por carências e por violências, como faz crer o discurso único – geografismo – que é constituído para estes lugares. Nessa perspectiva, este artigo investiga os olhares que apreendem o Conjunto Residencial Rubem Berta. A abordagem do trabalho seguiu a linha da Geografia Cultural e Humanística, a partir da discussão dos conceitos de geografismo, discurso, identidade, lugar e paisagem – buscando compreender em relatos locais e não locais os diferentes sentidos que esses atores atribuem ao lugar, tendo como método a Análise do Discurso. Os relatos permitiram reconhecer que experiências topofílicas coexistem em muitos casos com experiências topofóbicas. Este estudo permitiu ler o Conjunto Residencial como um locus de pluralidades, de vivências culturais, de pensamentos, de ideias e ideais, os quais evidenciam heterogeneidade no lugar e na paisagem.

Palavras-chave: Conjunto Residencial Rubem Berta; Topofilia; Topofobia; Lugar; Paisagem.

ABSTRACT / RESUMEN

GEOGRAPHISMS AND POPULAR CULTURE

The peripheries of cities and their inhabitants are represented by stigmas which are (re)produced as marks of an immutable stereotype, through derogatory values that blame them for the maladies of the city. However, it is important to investigate whether the culture of these populations is made up solely by poverty and violence as this single discourse about such communities would have us believe, in a type of geographical prejudice, geographism. From this point of view, this article examines the perspectives of the Rubem Berta neighborhood in Porto Alegre. This work uses the approach of Cultural and Humanistic Geography to investigate the concepts of geographism, speech, identity, place and landscape through local and non-local reports to comprehend the different meanings which social actors attribute to the place, by means of the Discourse Analysis method. The reports helped to recognize that in many cases topophilic experiences coexist with topophobic ones. This study allows an understanding of the Housing Estate not only as expressed by the single discourse, but rather as a locus of pluralities, cultural experiences, thoughts, ideas and ideals, evidencing heterogeneity in terms of place and landscape.

Keywords: Rubem Berta Housing Estate; Topophilia; Topophobia; Place; Landscape.

GEOGRAFISMOS Y CULTURA POPULAR

Las periferias de las ciudades y sus habitantes están representadas por estigmas que si (re)producen con marcas de un estereotipo inmutable, a través de valores despectivos que les atribuyen las mazelas de la ciudad. Sin embargo, es importante investigar si la cultura de esas poblaciones está formada sólo por carencias y violencias, como hace creer el discurso único – geografismo – que está constituído para estos lugares. En esta perspectiva, este artículo investiga las miradas que apreenden el Conjunto Residencial Rubem Berta. El enfoque del trabajo siguió la línea de la Geografía Cultural y Humanística, a partir de la discusión de los conceptos de geografismo, discurso, identidad, lugar y paisaje, buscando comprender en relatos locales y no-locales los diferentes sentidos que los actores atribuyen al lugar, teniendo como método el Análisis del Discurso. Los relatos permitieron reconocer que las experiencias topofílicas coexisten en muchos casos con experiencias topofóbicas. Este estudio permitió la lectura del Conjunto Residencial como un locus de pluralidades, vivencias culturales, pensamientos, ideas e ideales que evidencian heterogeneidad en el lugar y en el paisaje.

Palabras claves: Conjunto Residencial Rubem Berta; Topofilia; Topofobia; Lugar; Paisaje.

Article history:

Received 11 April, 2018
Accepted 19 May, 2018
Publisher 15 June, 2018

INTRODUÇÃO

Sempre há um lugar para se chegar ou se partir. E sempre há necessidade de se saber o sentido que se atribui a esse lugar. (OLIVEIRA, 2012).

Habitar é uma palavra forte e habitar a periferia da cidade requer muita força. Isso porque o sujeito constitui parte do lugar onde vive, assim como o lugar constitui parte da identidade do sujeito. Nessa relação, os discursos (re)produzidos sobre o lugar impactam os sujeitos-lugar, e os interesses dos atores que produzem o discurso definem o seu sentido: positivo, com o intuito de reforçar a coesão de um grupo; ou negativo – no sentido da “deslugarização”, que “implica desqualificar a vida e as memórias de quem construiu e habita um lugar” (SOUZA, 2013, p. 125). Assim, às periferias e a seus moradores são atribuídos as mazelas e os problemas da cidade, sobretudo no que se refere à violência. Reconhecemos que há uma forte violência nas periferias, geralmente pontual, porque oriunda do tráfico de drogas. Todavia, postulamos que o discurso da violência constituído para esses lugares mascara inúmeras práticas que são distintas da violência e que reforçam estereótipos sobre as populações de periferia.

Os estudos que contestam os discursos únicos e hegemônicos, constituídos para os espaços de periferia que estão presentes na Geografia (FIGUEIREDO, 2014; GAMALHO, 2009, 2011; GAMALHO & HEIDRICH, 2008; SERPA, 2011) são relevantes por colocar em evidência a multiplicidade de atores, de histórias e de geografias existentes nesses espaços. Nesse sentido, este artigo apresenta uma breve discussão sobre os geografismos que registram estereótipos de violência para as áreas periféricas das grandes cidades. De modo específico, o objetivo é investigar o discurso da violência, geografismo atribuído ao Conjunto Habitacional Rubem Berta, Porto Alegre, RS (Figura 1), buscando saber como ele impacta as relações de cotidianidade das pessoas e seu lugar. Além do geografismo, o sentimento de afeição ao lugar, assim como o de aversão ou o de medo, são os efetivos, vivenciados, mais ou menos influenciados pelos geografismos, aspectos também abordados neste artigo. Esse conjunto residencial é um dos inúmeros conjuntos, vilas e loteamentos, cada um com suas especificidades, existente no bairro Rubem Berta,¹ localizado na zona norte de Porto Alegre.

O Conjunto Residencial Rubem Berta tem 39 núcleos residenciais (Figura 2), que formam unidades que contêm quatro blocos de edifícios, sendo que cada bloco contém 32 apartamentos.

Nos capítulos que seguem serão discutidas as noções de geografismo, violência, lugar e paisagem, as quais compõem uma estrutura de pensamento. Busca-se a sistematização destas noções com o intuito de compreender que a constatação de que os geografismos grafam em muito a violência praticada e vivenciada no lugar, e são registrados enquanto um discurso único, que obscurece as intencionalidades dos atores que o narram, bem como as práticas dos moradores que diferem da violência – como as práticas de cunho político e cultural.

A PRODUÇÃO DO ESTEREÓTIPO: GEOGRAFISMOS

No campo de debate sobre os estereótipos predomina como recurso analítico o conceito de representações. Neste trabalho, utilizamos como referência o conceito de geografismo, que podemos compreender como uma representação com sentido pejorativo. O geógrafo francês Yves Lacoste cunhou o conceito de geografismo e o definiu como

[...] as metáforas que transformam em forças políticas, em atores ou heróis da história, porções do espaço terrestre ou, mais exatamente, os nomes dados (pelos geógrafos) a territórios mais ou menos extensos. Exemplos de geografismos: ‘a Lorena luta, a Córsega se revolta, a Bretanha reivindica, o Norte produz isto ou aquilo, Paris tal ou tal influência, Lyon fabrica, etc.’ (LACOSTE, 1988, p. 65).

(1) O bairro Rubem Berta foi “criado e delimitado pela lei municipal nº 3159 de 09/07/1968”.

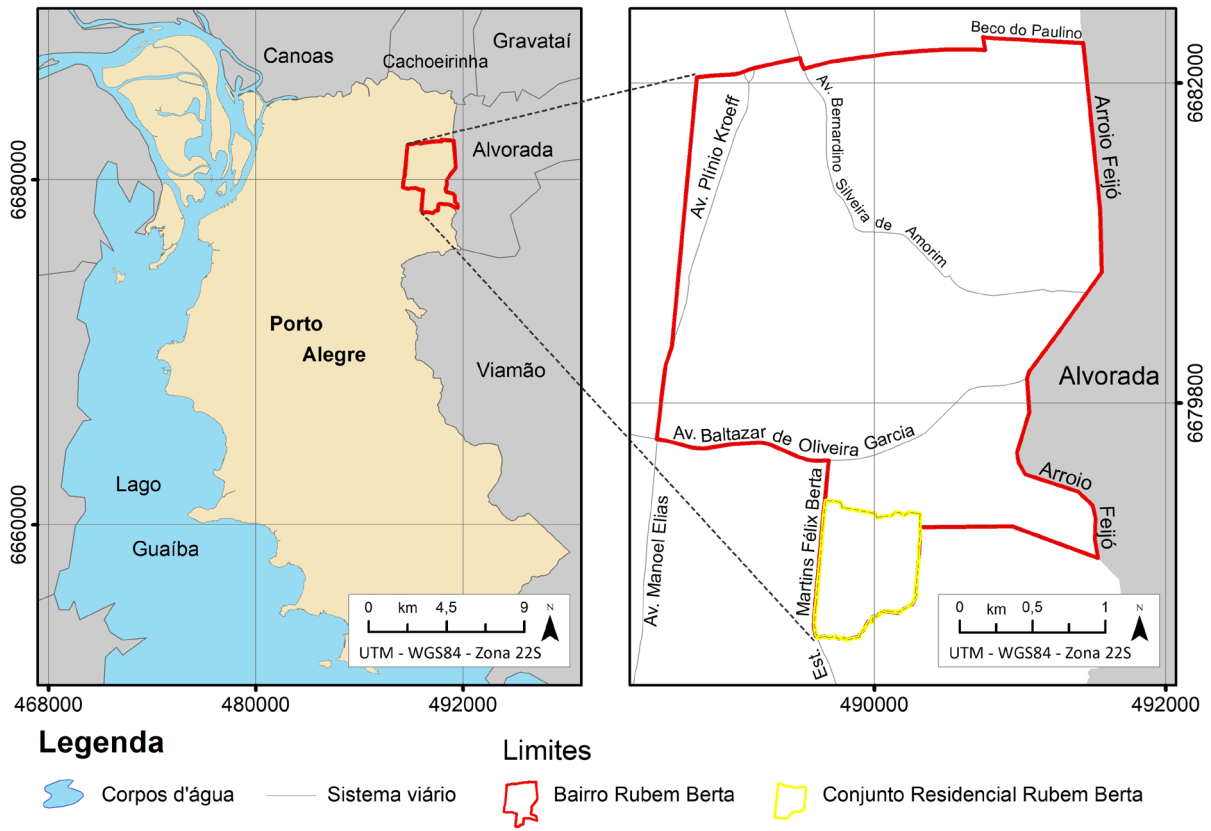


Figura 1 – Localização do Conjunto Residencial Rubem Berta, Porto Alegre/RS.

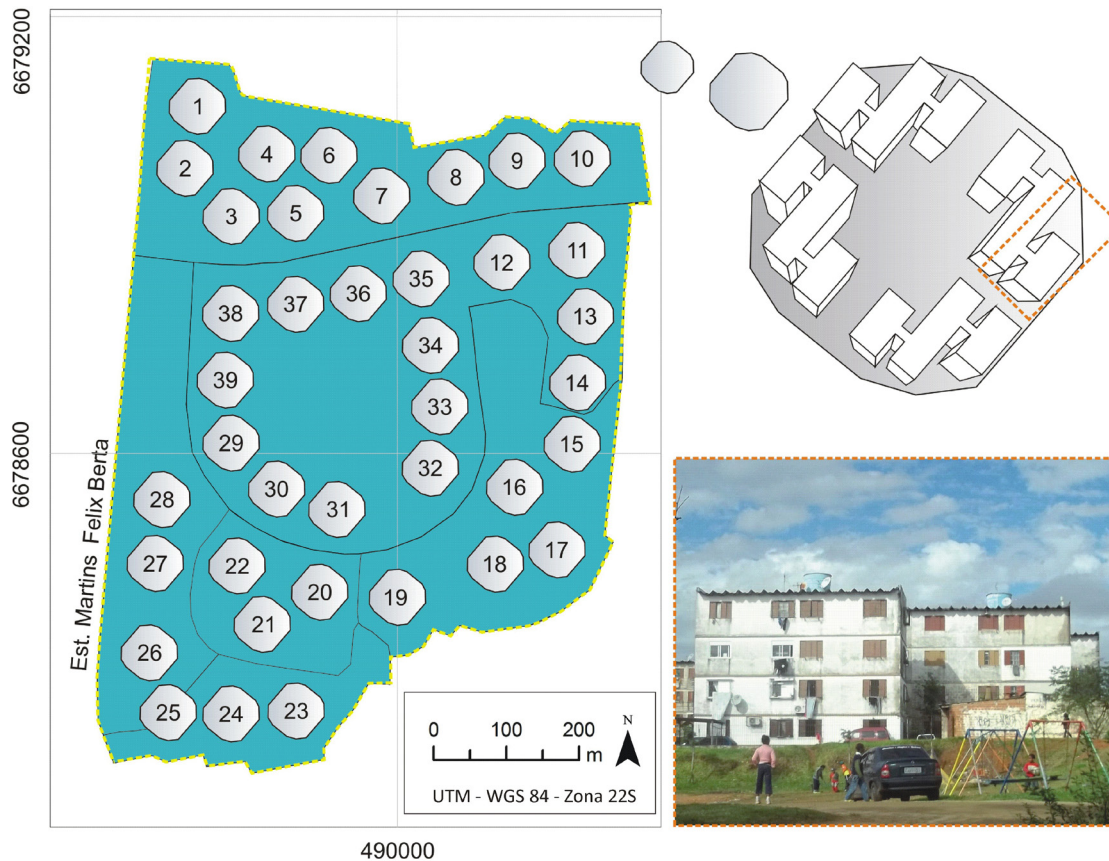


Figura 2 – Mapa dos núcleos habitacionais do Conjunto Residencial Rubem Berta, Porto Alegre/RS.

Lacoste contribuiu conotando uma noção espacial para a questão dos estereótipos, os quais, a partir do empenho empreendido no campo discursivo,² acabam por se naturalizar. Assim, a naturalização criada e consolidada viabiliza a aceitação do geografismo pelo grupo estereotipado e, conseqüentemente, faz com que a sua contestação seja uma tarefa difícil. Desse modo, superar o geografismo, ou seja, reivindicar um sentido de lugar que se mostre diferente daquele já imposto e naturalizado é praticamente inacessível ao grupo estereotipado.

Considerando esses aspectos, compreende-se que as ideias do autor podem ser observadas em outras escalas,³ como no caso do Conjunto Residencial Rubem Berta. Essa compreensão parte em muito das representações da mídia e de uma formação da geografia em sala de aula que ainda associa o espaço a uma metáfora de representação dos sujeitos.

Yves Lacoste questionou a naturalização dos geografismos e chamou a atenção para o cuidado que se deve ter na leitura desses, pois

[...] esses malabarismos de estilo não são assim tão inocentes como podem parecer à primeira vista, pois eles permitem escamotear as diferenças e contradições entre os diversos grupos sociais que se encontram nesses lugares ou sobre esses territórios. (LACOSTE, 1988, p. 65).

O geografismo sugere uma leitura equivocada dos lugares ao abordar a heterogeneidade como homogeneidade. Nesse sentido, o escamoteamento é um elemento-chave para a compreensão dos geografismos na sua totalidade. Ora se apresenta este elemento apenas como uma consequência inevitável desencadeada pelos geografismos, ora constitui o fundamento próprio no qual se assenta a origem desses estereótipos, como uma *conditio sine qua non*. Ao refletir sobre os geografismos e sobre sua construção, devemos recorrer ao filósofo Karel Kosík (1976) e considerar que investigar um fenômeno sem pensar a essência⁴ que o (re)produz é, certamente, um caminho falho.

Os geografismos produzem uma série de desdobramentos: tanto pelos estigmas que criam/registram e a conseqüente influência na população e no espaço estigmatizado quanto pelas formas de sociabilidade que mascaram. Para uma melhor compreensão dos impactos dos geografismos, devemos recorrer à noção de identidade e de discursos, elementos que possuem uma relação estreita entre si e que formam a base sobre a qual se desenvolvem muitos dos estereótipos espacializados.

A identidade é um conceito de fundamental importância nos estudos de abordagem cultural em geografia e, por ser essencialmente um elemento de representação, guarda forte vínculo com os geografismos. Por identidade, entendemos

[...] uma construção social e histórica do ‘próprio’ [do *soi*, do *self*] e do ‘outro’, entidades que, longe de serem congeladas em uma permanência ‘essencial’, estão constante e reciprocamente engajadas e negociadas em relações de poder, de troca ou de confrontação, mais ou menos disputáveis e disputadas, que variam no tempo e no espaço (BOSSÉ, 2004, p. 163).

Bossé (2004) compreendeu a identidade como algo que se constitui e se expressa de maneira muito dinâmica. No entanto, o geografismo apresenta um aspecto que geralmente é imutável, mas que também pode ser disputável. As marcas identitárias expressadas pelos geografismos, dentro do

(2) De acordo com James Duncan (2004, p. 103), o campo discursivo pode ser compreendido como “uma classe de discursos opostos constituídos por um conjunto de narrativas, conceitos e ideologias relevantes para um domínio particular de práticas sociais”.

(3) A abordagem deste trabalho priorizou a escala local, mas os geografismos, de modo geral, estão presentes desde a escala local até a nacional.

(4) Para compreender a relação e a unidade que formam o fenômeno e a essência, devemos recorrer a Karel Kosík (1976, p. 15), que afirmou que “a essência se manifesta no fenômeno, mas só de modo inadequado, parcial, ou apenas sob certos ângulos ou aspectos. O fenômeno indica algo que não é ele mesmo e vive apenas graças ao seu contrário. A essência não se dá imediatamente; é mediata ao fenômeno e, portanto, se manifesta em algo diferente daquilo que é. A essência se manifesta no fenômeno. O fato de se manifestar no fenômeno revela seu movimento e demonstra que a essência não é inerte nem passiva. Justamente por isso o fenômeno revela a essência. A manifestação da essência é precisamente a atividade do fenômeno”

campo discursivo, “têm mais possibilidades de circular”, “maior poder para se fazerem conhecidas e aceitas” (APPLE, 1996, p. 34) e são espacialmente delimitadas.

Os discursos compõem e podem estruturar direta e indiretamente o campo material e simbólico, e são relevantes enquanto um recurso para legitimar e manter “intactas” as estruturas sociais nas diferentes culturas. O geógrafo James Duncan (2004) definiu os discursos como

a estrutura de inteligibilidade na qual todas as práticas são comunicadas, negociadas ou desafiadas. Eles são, ao mesmo tempo, recursos facilitadores e coações ou limites dentro dos quais determinados modos de pensamento e ação parecem naturais, e para além dos quais a maior parte daqueles que aprendeu a pensar dentro do discurso não pode facilmente aventurar-se (DUNCAN, 2004, p. 104).

Assim, podemos compreender que o geografismo é construído por meio de prática(s) de discurso(s) e emerge enquanto discurso materializado no espaço e nos sujeitos. O discurso é o meio/fim que tanto constrói o geografismo quanto perpetua sua existência. A relação indissociável entre as noções de geografismo, discurso e identidade, pode ser evidenciada no pensamento de Mathias Le Bossé (2004), que afirmou que

[...] toda forma identitária apresenta-se como um equilíbrio de tensões entre o ser e o vir-a-ser: assim, o argumento identitário, como consciência e presença suscetível de mudar, de desaparecer ou de adaptar-se, tanto pode voltar-se para o passado como projetar-se no futuro. (BOSSÉ, 2004, p. 163).

As “tensões” são mediadas por meio dos discursos e, quando percebido como algo natural, o geografismo pode impossibilitar a perspectiva do “vir-a-ser”. Portanto, o estereótipo espacializado pode imobilizar projeções de futuro, mas também instigar perspectivas de mudança – ainda que essa possibilidade seja mais improvável, já que o geografismo sugere limitações de pensamentos e de projeções além de sua esfera.

VIOLÊNCIA(S): GEOGRAFISMOS SOBRE AS PERIFERIAS

Os autores que abordam a temática da violência são, sobretudo, sociólogos, que são contundentes no reconhecimento de que a violência é oriunda de um processo de relações assimétricas, que perpetuam desigualdades sociais profundas (ARENDETT, 1985; BAUMAN, 2009; ODALIA, 2012; OLIVEN, 1986; TAVARES DOS SANTOS, 2009; TAVARES DOS SANTOS et al. 2011). Nesse sentido, Ruben Oliven abordou a violência como um “mecanismo de dominação por parte das classes dominantes” e, em contrapartida, como “uma estratégia de sobrevivência por parte das classes dominadas” (OLIVEN, 1986, p. 17).

A leitura de Oliven (1986) a respeito da violência é facilmente visível dentro do sistema capitalista de produção. Tavares dos Santos (2009) atentou para a questão de uma crise de sociabilidade que, “chegando, no limite, às manifestações de violência, fenômenos que adquirem novos contornos e passando a disseminar-se por toda a sociedade, realizando-se como violência difusa” (TAVARES DOS SANTOS, 2009, p. 20). A noção de violência difusa denota uma mudança na temática da violência, que não é estrutural, mas que sugere tanto sua banalização quanto uma complexidade ainda maior, adquirida no mundo contemporâneo, pois não basta “remeter a violência às determinações econômicas ou políticas, ainda que permaneçam atuando como causas eficientes [...]” (TAVARES DOS SANTOS, 2009, p. 20).

Tavares dos Santos (2009) permitiu a compreensão do fenômeno da violência como fruto de um processo socioespacial que o autor denominou como “cidadania dilacerada”. Para o referido autor, a violência seria

[...] a relação social, caracterizada pelo uso real ou virtual da força ou coerção que impede o reconhecimento do outro – pessoa, classe, gênero ou raça – provocando algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática. (TAVARES DOS SANTOS, 2009, p. 16).

Assim, depreende-se que a violência se apresenta não apenas em sua forma última, como uma agressão física, mas sob suas múltiplas formas.⁵ No Conjunto Residencial Rubem Berta, como é usual nos bairros periféricos, a violência que mais se faz presente é a decorrente do tráfico de drogas. Reconhecemos que nas áreas dominadas por grupos de tráfico de drogas a instabilidade dos pontos de tráfico e a disputa destes por diferentes grupos intensifica a violência, já que “o domínio através da violência pura vem à baila quando o poder está em vias de ser perdido” (ARENDDT apud SOUZA, 2012, p. 80).

A existência desses grupos tem forte vínculo com a imposição de medo no “seu” território. Nessa perspectiva, o “capital do medo” (BAUMAN, 2009), que é explicitamente intensificado no discurso da mídia sensacionalista, contribui para perpetuar a representação de lugares violentos e auxilia, de certa forma, os grupos do tráfico de drogas a afirmarem o “seu” território como o “território do medo” (TAVARES DOS SANTOS et al., 2011).

Percebe-se que o cenário da violência é predominantemente pontual nas regiões periféricas, por estar ligado às práticas dos grupos de tráfico de drogas. Apesar disso, no discurso produzido pelas grandes mídias e no discurso acadêmico, generaliza-se a questão como situação espalhada nos espaços periféricos e junto às classes populares, pois são estas áreas sobre as quais recai uma série de estigmas, constantemente retratados como os lugares nos quais a violência é inerente às pessoas. Dessa forma, Nilo Odalia afirmou:

[...] nos bairros em que abundam os pardieiros e favelas, a violência não pode ser escorraçada e evitada com cercas e muros. Ela é uma realidade com a qual se convive, uma realidade cuja proximidade e intimidade auxiliam esquecê-la. Ela é enfrentada como uma das tantas calamidades que se enfrentam no cotidiano. Sobreviver aí é sofrer e produzir violência (ODALIA, 2012, p. 12).

Há que se considerar uma maior concentração de problemas nas áreas periféricas em relação a outras áreas das cidades, que são pertinentes, principalmente, à infraestrutura e aos demais serviços básicos. Todavia, há uma série de aspectos positivos nestes lugares, os quais, no entanto, não são retratados. Angelo Serpa (2011), ao abordar os bairros periféricos de Salvador, lembrou que existem múltiplas manifestações culturais que se desenvolvem nestes lugares, a partir do trabalho de associações de moradores e de organizações não governamentais, sem que haja necessidade de um auxílio institucional ou financeiro. Estas manifestações resultam de “ideias alternativas à cultura dominante, que se manifestam no dia a dia das áreas populares da metrópole” (SERPA, 2011, p. 105). De acordo com o referido autor, a valorização das ideias oriundas das culturas vernaculares seria

uma eficiente estratégia de desconstrução do estigma e do preconceito em relação a grupos socioeconomicamente frágeis, mas ricos e diversos no tocante ao capital cultural de que dispõem e reproduzem no seu cotidiano. (SERPA, 2011, p. 105).

Essa valorização das culturas vernaculares seria uma estratégia de grande importância para combater a ideia de que “não havendo uma solução para a violência na vida cotidiana, o remédio é integrá-la como componente normal das relações entre os homens” (ODALIA, 2012, p. 12). Nessa perspectiva, Angelo Serpa atentou para a necessidade de qualificar os estudos culturais, com o intuito de tornar perceptível

(5) Discutir sobre violência significa tratar, principalmente, das desigualdades sociais como estruturantes de violências, como a institucionalizada, política, simbólica, racista, mas também de violências que ultrapassam essas esferas, como a violência sexual, de gênero e ecológica (TAVARES DOS SANTOS, 2009; ODALIA, 2012).

aquilo que está oculto para a produção e o consumo cultural de massa. Trata-se de explicitar as manifestações da cultura popular em nossas cidades e suas formas de organização, resgatando o sentido lúcido e a ludicidade do urbano no período contemporâneo. (SERPA, 2011, p. 104).

Nola Gamalho (2011) discutiu a produção do espaço e as representações das periferias com seu estudo de caso sobre o bairro Restinga (Porto Alegre/RS). Para tanto, analisou não apenas o espaço concebido, mas também o espaço vivido, através das proximidades, solidariedades e lutas dos seus moradores. A autora afirmou que as representações sociais acerca do referido bairro o expressam como um “lugar distante, carente de infraestrutura e preenchido por uma população marginalizada” (GAMALHO, 2011). Tais características, que se referem ao bairro Restinga, também podem ser relacionadas aos demais bairros periféricos e, por conseguinte, ao Conjunto Residencial Rubem Berta.

Portanto, no que diz respeito às periferias no campo das representações, estes lugares são considerados como de carências, sejam elas econômicas, políticas e culturais. Todavia, há pesquisas que manifestam outras possibilidades de leituras das periferias (sem necessariamente mascarar as carências destes lugares), como o trabalho de Angelo Serpa (2011). Consideração importante é reconhecer que há uma série de especificidades (sociais, culturais e econômicas) nos bairros periféricos, as quais, no entanto, são ignoradas. Por este motivo, “torna-se imprescindível desconfiar do senso comum, desconfiando da naturalização de uma sociedade hierarquizada” (GAMALHO, 2011, p. 61). Conforme Gamalho & Heidrich (2011) afirmaram:

O termo periferia está presente no cotidiano da sociedade, aparece na mídia, avança no senso comum, é interpretado nos corpos e incorpora valores. É simultaneamente abstração, exercício teórico, político e ideológico e, materialidade, pois compõe o espaço vivido de determinado segmento social. (GAMALHO & HEIDRICH, 2008, p. 2).

LUGAR E PAISAGEM: INSTRUMENTOS DE LEITURA DE PERCEPÇÕES

Alguns aportes teóricos para discutir o campo da percepção são importantes nesta pesquisa, como Yi-Fu Tuan (1983, 2012). Esse autor contribuiu por meio do conceito de lugar e suas intensidades e densidades, associadas à “experiência, qualidade da ligação emocional aos objetos físicos, as funções dos conceitos e símbolos na criação da identidade do lugar” (TUAN, 1983, p. 149).

Diante disso, foram realizadas entrevistas com moradores e lideranças do Conjunto Residencial Rubem Berta – “relatos locais” –, e com professores de escolas, com funcionários de postos de saúde que atuam no Conjunto Residencial e com moradores dos bairros do entorno – “relatos não locais” (DUNCAN, 2004). As abordagens tiveram um caráter de entrevista semiestruturada, ou seja, nela

o entrevistador pergunta algumas questões em uma ordem predeterminada, mas dentro de cada questão é relativamente grande a liberdade do entrevistado. Além disso, outras questões podem ser levantadas, dependendo das respostas dos entrevistados, ou seja, podem existir questões suplementares [...]. (MOREIRA apud SANTOS, 2013, p. 330).

As entrevistas tiveram o intuito de investigar a percepção dos moradores e de outras pessoas que têm algum tipo de relação com o referido lugar, para compreender como se desenvolvem os discursos que circulam e de que forma eles influenciam estes sujeitos. Para a interpretação destas entrevistas também foi utilizado como método a Análise do Discurso, ou seja, foi selecionado do texto (relatos) o corpus do trabalho, sob o qual foi realizado o “recorte de fragmentos (sequências discursivas)”, bem como foi feita a reconstituição das “regularidades discursivas” (SILVA, 2009).

A leitura dos aportes de geografia humanística permite considerar que o lugar tem uma feição de paisagem, que lugar contém paisagem, assim como paisagem contém lugar.⁶ Segundo Edward Relph (1979), a relação entre espaço, paisagem e lugar não é constante quando os abordamos como fenômenos experienciados: “lugares têm paisagens e paisagens e espaços têm lugares”. Neste trabalho, interpretamos que o Conjunto Residencial Rubem Berta pode ser apreendido pelos moradores como o lugar, que se constitui com um significado topofilico – assim como descrito por Yi-fu Tuan (2012, p. 19), ou seja, como o “elo afetivo entre a pessoa e o lugar” –, e para os não moradores, como paisagem, que se constitui com um significado topofóbico.

O lugar assumiu grande relevância na abordagem da geografia humanística e cultural, pois é a partir dele que descobrimos o mundo e “onde as bases de nossa existência mundana e da nossa condição humana se estabelecem” (DARDEL apud RELPH, 1979, p. 16). A noção de lugar remete ao vivido, ao espaço repleto de significações, de valores (não tão somente econômicos, materiais, mas também simbólicos e existenciais), ao “locus da reprodução da vida cotidiana, permeada por diferentes visões de mundo e diferenciadas ideias de ‘cultura’” (SERPA, 2011, p. 97).

Yi-fu Tuan (1983) compreendeu o lugar como espaço dotado de valor, afirmando que, à medida que adquire definição e significado, o espaço transforma-se em lugar. Edward Relph (1979) afirmou que o lugar se refere a um “tipo de experiência e envolvimento com o mundo, à necessidade de raízes e de segurança”, atribuindo um significado muito mais profundo e frutífero do que o lugar como “sentido geográfico de localização” (RELPH, 1979, p. 17).

De acordo Oliveira (2012), podemos abordar o lugar em suas dimensões significativas, através de uma perspectiva geográfica, quando pensamos “a partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos e transformações” (OLIVEIRA, 2012, p. 15). Nesse sentido, quando entendido como um campo onde se estabelecem as relações socioespaciais experienciais, o conceito possibilita a apreensão de diferentes sentidos, falas e vivências – essenciais para a compreensão dos discursos que circulam nesse lugar e fora dele.

O lugar pode ter um caráter operacional, como instrumento de leitura de percepções,⁷ pois se “expressa e condiciona a rotina, os confrontos, os conflitos e as dissonâncias” e, por este motivo, permite “uma leitura da vida cotidiana, com seus ritmos e contradições” (CARLOS apud SERPA, 2011, p. 100). Portanto, percebe-se que o conceito possibilita uma ampla gama de aprofundamentos e de compreensões, no campo experiencial, quando entendido como “centros de significado no espaço e paisagem” (TUAN apud RELPH, 1979, p. 8).

Lugar e paisagem possuem grande afinidade entre si, porque ambos expressam infindáveis esferas de significados, experiências e proximidades, pois, como afirmou Edward Relph (1979, p. 13), as paisagens “não somente possuem conteúdo e substâncias, mas também são os cenários significantes das experiências diárias e das excepcionais”.

Nessa perspectiva, Jean-Marc Besse (2006, p. 80) compreendeu que a paisagem “é antes de mais nada a experiência da proximidade das coisas”. A afinidade entre os conceitos fica evidente quando entendemos que a paisagem também se refere – ainda que em um contexto e em uma escala maiores do que o lugar – a valores e à existência, ou seja, “a paisagem é da ordem do sentir”, podendo ser “compreendida menos como um objeto do que como uma representação, um valor, uma dimensão do discurso e da vida humana, ou ainda, uma formação cultural” (BESSE, 2006, p. 78).

A paisagem, sob a ótica da abordagem cultural em geografia, como instrumento que permite refletir acerca dos discursos – que ela veicula, condiciona e (re)produz – foi compreendida por James Duncan (2004) como:

(6) Veja-se como exemplo da abordagem das relações entre os conceitos geográficos o estudo de Heidrich (2008) e Suertegaray (2000).

(7) Para Yi-fu Tuan (2012, p.18), a percepção pode ser compreendida como “a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”.

um dos elementos centrais num sistema cultural, pois, como um conjunto ordenado de objetos, um texto, age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado. (DUNCAN, 2004, p. 106).

A concepção de cultura e de produção cultural como um “sistema de criação de signos” que “está presente em todos os outros sistemas sociais, e que manifesta todos estes dentro de si mesma”, evita uma interpretação fragmentada da realidade e, conseqüentemente, possibilita uma reflexão que busca aproximar-se de uma apreensão da totalidade (DUNCAN, 2004, p. 102).

A perspectiva esboçada por Duncan (2004, p. 103) propõe uma “abordagem interdisciplinar da cultura e da produção cultural que as vê não somente como um sistema de criação de signos, mas como textos que permitem múltiplas leituras”. Esta visão possibilita que um leque de interpretações (de leituras) se abra diante de uma paisagem, o que, a priori, evitaria uma leitura homogênea de algo que se apresenta heterogêneo. Isto não quer dizer que as leituras – do texto – necessariamente se complementem; ao contrário, muitas vezes se opõem, formando um “campo discursivo”.

Portanto, a perspectiva metodológica que James Duncan (2004) apontou é engajada na leitura da paisagem, que propõe que investiguemos a “significação da paisagem” e a “retórica da paisagem”. A primeira objetiva um questionamento do “que é significado pela paisagem”; já a segunda trata da “maneira como esta significação ocorre”. Para compreender a “significação da paisagem”, segundo Duncan, devemos investigar os relatos locais, os relatos não locais e averiguar a diferença entre os discursos. E, como última etapa, faz-se necessário interpretar o “sistema de significação subjacente à própria paisagem” (DUNCAN, 2004, p. 109).

ALÉM DO GEOGRAFISMO: TOPOFILIAS, TOPOFOBIAS E CULTURA POPULAR NO CONJUNTO RESIDENCIAL RUBEM BERTA

As entrevistas com moradores e lideranças do Conjunto Residencial Rubem Berta apontaram a importância da ocupação desse conjunto residencial para a consolidação das moradias e da vida das pessoas que habitam esse lugar. Portanto, primeiramente, apresentamos um breve histórico da ocupação da área de estudo. Além disso, as entrevistas possibilitaram a constatação de que a percepção desses sujeitos sobre esse lugar pode ser apreendida por olhares que o expressam como topofilia e como topofobia e, por isso, apresentamos os relatos locais e não locais.

O Conjunto Residencial Rubem Berta foi ocupado no dia 27 de abril de 1987, num contexto de muitas ocupações, ocorridas no final da década de 1980, dos conjuntos habitacionais abandonados pela Companhia de Habitação do Estado do Rio Grande do Sul (COHAB/RS), na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA). Cláudia Pires et al. (2013) destacaram o número de ocupações que se deram nessa época, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Ocupações de Conjuntos Habitacionais no RS em 1987.

Cidade	Ocupação de Conjuntos Habitacionais
Porto Alegre	6
Alvorada	5
Gravataí	2
Canoas	1
Cachoeirinha	1
Total	15

Fonte: Pires et al. (2013).

Paulo Azevedo (2002) lembrou que os motivos que ensejaram essas ocupações referem-se, principalmente, a três fatores: as desigualdades oriundas da (re)produção do sistema capitalista monopolista, que provocaram aumento de miséria, concentração populacional e falta de acesso aos bens básicos entre as classes populares; a reorientação da política habitacional promovida pelo Banco Nacional de Habitação (BNH), que limitou a oferta habitacional para os contingentes de baixa renda; e as medidas político-econômicas do período, que resultaram no descongelamento do preço dos aluguéis, que, em muitos casos, tiveram seus preços triplicados, tornando inviável o seu pagamento, enquanto permaneceram baixos e defasados os salários dos trabalhadores (AZEVEDO, 2002).

Os relatos de moradores e lideranças do Conjunto Residencial Rubem Berta expressaram a importância do engajamento e da criação de vínculos entre as pessoas. Eles foram necessários, ao menos na época das ocupações, para a consolidação do movimento que reivindicou o direito à moradia. Quando questionado sobre o lugar onde vive, um morador entrevistado, que atuou como liderança na época da ocupação, afirmou:

O pessoal que veio pra cá na época da ocupação, e que estão aqui até hoje, é muito aguerrido, muito solidário um com o outro, tu entende? São pessoas, assim, que agente tem uma amizade sincera, são tudo pessoas que estiveram no mesmo barco, que lutaram pelo mesmo objetivo, isto é, uma casa para morar. (Relato de entrevista de Laudenir Figueiredo, obtido em trabalho de campo em agosto de 2013).

Os apartamentos localizados na porção meridional do Conjunto Residencial Rubem Berta eram denominados pelos ocupantes como “carijós”, pois, segundo eles, em muitos destes prédios “não havia sido completado o reboco das paredes”, tampouco foram instaladas escadas e janelas. Além disso, os problemas enfrentados na ocupação do Conjunto foram semelhantes às adversidades verificadas em outras ocupações também ocorridas nessa época, como a falta de água, luz, alimento, além do enfrentamento e repressão policial militar, que se mostrou muito ostensivo.

As reportagens do Jornal Zero Hora que abordaram as ocupações de 1987, de modo geral, retrataram ocupantes dos conjuntos habitacionais como invasores, deixando claro a sua posição a respeito das ocupações como algo ilegal. Silva (2009) recorreu a Mikhail Bakhtin para apresentar a noção de signo como algo que compreende as disputas entre as classes sociais. Nesse sentido, Fernandes (2007) observou que o discurso dos movimentos de luta pela terra denomina suas ações como ocupações, no entanto, a grande mídia e os proprietários denominam tais ações como invasões. Tais discursos são opostos e seus significados contrapostos: o termo ocupação refere-se à apropriação legítima de um local em desuso, à reivindicação do direito à moradia, enquanto o termo invasão expressa essa ação como ilegal e rotula seus praticantes como criminosos (FERNANDES, 2007).

O CONJUNTO RESIDENCIAL RUBEM BERTA COMO TOPOFILIA

Os relatos locais evidenciaram experiências topofílicas dos moradores e lideranças com o lugar. Em um primeiro momento, estes indivíduos relataram sua história, suas amizades e valores cultivados no bairro – a topofilia: o “elo afetivo entre a pessoa e o lugar” (TUAN, 2012, p. 19).

Nos relatos das mulheres entrevistadas, que moram no Conjunto Residencial Rubem Berta, verificamos preocupações em relação ao modo como é representado este lugar (incomodam-se com a “deslugarização”) e a importância do lugar para a criação de seus filhos. Nesse sentido, Dona Maria, moradora aposentada que atua politicamente no bairro, afirmou:

Eu gosto muito do Rubem Berta, aqui tem gente humilde né, tem lotação perto de casa, ônibus, posto, escola. [...] Eu não gosto que critiquem o Rubem Berta por que é o lugar onde agente vive né, onde agente cria os nossos filhos. (Relato de entrevista de Dona Maria, obtido em trabalho de campo em agosto de 2013).

O relato de Dona Maria evidenciou que seu espaço vivido contrapõe o espaço concebido das periferias de modo geral, retratadas como lugares com infraestrutura precária. No Conjunto Residencial Rubem Berta, grande parte dos moradores avalia como positiva a infraestrutura do seu bairro, mas com a ressalva de que isso resultou e resulta das lutas da comunidade por melhores condições de vida.

Assim como Dona Maria, outros moradores e lideranças da área de estudo relataram a importância do bairro e das amizades que vivenciam nele. Diante disso, tais relatos evidenciaram o caráter existencial que o Conjunto Residencial Rubem Berta assume na vida dos moradores – o lugar dotado de valor e significados, ao qual Tuan (1983, 2012) e Relph (1979) se referem. O geografismo da violência é perverso, porque mascara inúmeras facetas do espaço percebido de pessoas que o constroem cotidianamente. Além disso, o discurso único – registrado enquanto geografismo – também tem a intencionalidade de reduzir o potencial socioespacial de uma população aguerrida.

Os bairros de periferia dificilmente são tratados como lugares de cultura no nosso cotidiano, ou seja, as pessoas que nela moram não são tratadas como seres pensantes, criativos, com inúmeras ideias e ideais. Entretanto, estes lugares, estas pessoas, estão cobertos por marcas que grafam e retratam cultura, arte e valores de uma cultura popular, periférica.

No Conjunto Residencial Rubem Berta há diversos grupos que organizam, participam e atuam em movimentos de cunho sociocultural, tais como: a Alvo Associação Cultural, a Associação Comunitária dos Moradores do Conjunto Residencial Rubem Berta (AMORB) e um dos eventos de rap mais conhecidos do país, o “Cohab é só rap”, organizado por Leandro Seré.

A Alvo Associação Cultural, criada em 2005, desenvolve e produz rap de artistas da periferia, e direciona parte dos seus ganhos para projetos sociais, atuando não apenas no Rubem Berta, mas em grande parte da RMPA. Esse grupo realiza inúmeras atividades, como aulas de skate, dança de rua e hip hop em regiões economicamente vulneráveis e em escolas da RMPA, para alunos que tenham histórico de violência escolar. O presidente dessa associação, Jean Andrade, antigo morador do Conjunto Residencial Rubem Berta, foi agraciado com a Medalha de Porto Alegre em 2013. O músico e membro da Alvo Associação Cultural, um de seus criadores, W Negro, foi agraciado com o Prêmio Açorianos de Música 2010 pelo seu CD Portal dos Anjos.

A AMORB, criada em 1987, expressa forte engajamento nas lutas e nas demandas da comunidade do Conjunto Residencial Rubem Berta, desempenhando importante papel reivindicatório junto ao poder público e de promotor de atividades culturais (aulas de capoeira, cursos de qualificação, entre outras), juntamente aos moradores. A AMORB tem um espaço de rádio comunitária que dedica momentos para discussões sobre questões do bairro. A importância das rádios comunitárias foi destacada por Angelo Serpa, que afirmou:

Práticas de apropriação dos meios de comunicação pelas classes populares, como as iniciativas que se disseminam nas periferias metropolitanas, através das rádios comunitárias, subvertem – taticamente – a hegemonia cultural veiculada pelos meios tradicionais de radiodifusão e criam entrelugares para o reestabelecimento da ludicidade como valor transversal. (SERPA, 2007, p. 54).

O “Cohab é só rap”, que envolve muitos grupos musicais, é outro movimento relevante que acontece no bairro e tem grande magnitude e importância para os jovens da periferia que vivenciam a cultura popular. Em sintonia com esse evento acontece o “Projeto Colorindo a Cohab”, realizado pelo Núcleo Urbanóide, no qual grafiteiros realizam sua arte nos prédios e nas casas do Conjunto Residencial Rubem Berta (Figura 3).

Leandro Seré afirmou que o evento foi pensado com o intuito de incentivar a arte como possibilidade para a comunidade e como uma alternativa que contribua para o decréscimo da violência. Conforme seu depoimento:

Queremos fomentar a arte local e seduzir os jovens do bairro para experimentar uma nova cultura de paz. Através do grafite, da dança e da música procuramos mostrar para a juventude que tem pouca opção de cultura e muitos caminhos para o crime, que as alternativas estão abertas para um futuro melhor. (Secretaria Municipal da Juventude de POA, Fonte: <www.portoalegre.rs.gov.br/smj>. Acesso em: 30 set. 2014).



Figura 3 - Prédio do Conjunto Residencial Rubem Berta com a arte elaborada pelo Núcleo Urbanóide.

Em relação às condições socioeconômicas dos moradores do Conjunto, produzimos um mapa das pessoas residentes e do rendimento nominal mensal per capita dos domicílios particulares permanentes (Figura 4), por meio dos dados do Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2011).

A Figura 4 permite evidenciar diferenças no que diz respeito aos rendimentos dentro do Conjunto Residencial Rubem Berta: há diferenças existentes entre os núcleos residenciais e entre estes e as “garagens”. Percebe-se que na área ocupada pelas garagens a renda per capita é menor se comparada aos núcleos residenciais: no primeiro chega a 70% o percentual das pessoas extremamente pobres, pobres e vulneráveis; já no segundo o percentual não ultrapassa os 56%. Os núcleos residenciais de número 1 a 10 apresentam um número de pessoas não pobres maior se comparado aos outros núcleos residenciais (11 a 39): no primeiro o percentual de pessoas não pobres varia de 53% a 67%; já no segundo este percentual varia de 42% a 61%.

Consideração importante é salientar que em alguns relatos de moradores, estes se mostraram cientes destas diferenças existentes dentro do Conjunto Residencial Rubem Berta, como se percebe no relato de uma liderança que atua no conjunto, que afirmou:

A questão da desigualdade muito grande dentro da Cohab, hoje menos né, com a ascensão da classe C, mas ainda muito desigual. Então, tem pessoas que tem carro né, que tem um bom apartamento, reformado, tem uma estrutura dentro da sua casa boa, tem um bom carro, mas outras pessoas são miseráveis assim né. O próprio bairro ele é muito desigual né, mesmo sendo um bairro de periferia,

tendo classe C, B e, né, classes infinitas. (Relato de entrevista de Jean Andrade, obtido em trabalho de campo em setembro de 2014).

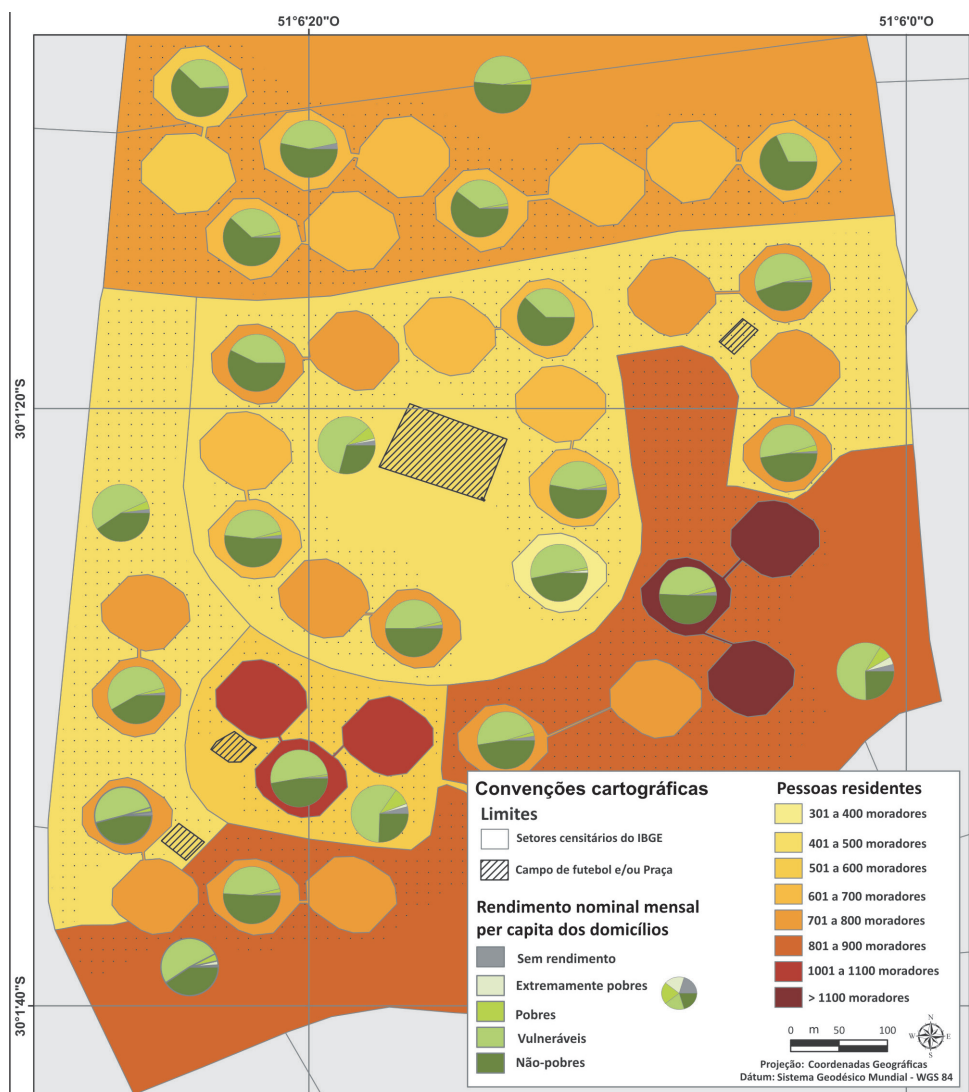


Figura 4 - Mapa das pessoas residentes e do rendimento nominal mensal per capita dos domicílios particulares do Conjunto Residencial Rubem Berta, Porto Alegre/RS.

Fica evidente na narração desta liderança a compreensão de que há uma representação sobre as periferias que as coloca como algo homogêneo, quando afirmou que “O próprio bairro é muito desigual né, mesmo sendo um bairro de periferia [...]”, ou seja, há uma série de diferenças que faz com que o conjunto habitacional seja heterogêneo e tenha suas especificidades, e os moradores conseguem perceber isto.

O CONJUNTO RESIDENCIAL RUBEM BERTA COMO TOPOFOBIA

Os relatos de moradores expressaram, em um primeiro momento, a topofilia em relação a seu lugar. Contudo, após a narrativa topofílica esses moradores passaram a expor os problemas que encontram no bairro, que se referem, principalmente, à questão da violência e, por isto, expressaram um sentimento topofóbico. Percebe-se, em alguns relatos, que os moradores têm que adaptar sua rotina e seus percursos no bairro, devido ao sentimento de insegurança gerado pela violência – oriunda das disputas entre os grupos de tráfico de drogas – como exposto no relato de uma moradora, que afirmou:

[...] Eu me sinto segura em parte, no meu canto como se diz, não pra sair na rua, já não saio mais qualquer hora, já cuido a hora de ir no mercado, tudo isso por causa da violência eu já tenho um maior cuidado, que eu não tinha quando as crianças eram pequenas né, agora sim, mudou muito, mudou muito, mudou bastante. (Relato de entrevista de uma moradora, obtido em trabalho de campo em 2014).

A questão da violência no bairro foi reconhecida por todos os entrevistados, exceto por uma moradora e comerciante local. Portanto, os moradores reconhecem a violência, mas cada relato apontou diferentes motivos para a existência dessa violência ou questionou a forma como ela aparece nas mídias. Nesse sentido, um morador do Conjunto Residencial Rubem Berta afirmou:

Mas é também uma comunidade muito difícil, muito violenta né, pela ocupação o projeto inicial dela, arquitetônico, ele não previa, ou melhor, ele previa áreas mais abertas né, ele previa áreas pra convívio social, só que devido à ocupação irregular esses espaços abertos foram ocupados por garagens e casas né, que se tornaram casas das pessoas. [...] O fenômeno das garagens disseminou né, hoje nem são garagens, hoje tem até prédios né, são edifícios de 3 andares e toma todo o espaço da Cohab, criando inúmeros becos né, um emaranhado de construções irregulares, é uma favela na vertical. E aí o quê que acontece cara, dentro dessa perspectiva não existe área de lazer, não existe área de cultura, não existe espaços abertos. Então a qualidade de tu morar na Cohab ela é muito baixa, muito baixa no sentido da própria habitação. (Relato de entrevista de um morador, obtido em trabalho de campo em 2014).

Constata-se a importância dos espaços públicos em um bairro e os possíveis problemas decorrentes da carência desses espaços, os quais, segundo o relato, podem levar às práticas de violência; também demonstra que apesar das atividades culturais existentes no conjunto residencial, há necessidade de mais espaços culturais para as crianças e para os jovens, os quais acabam sendo cooptados pelo tráfico de drogas no seu tempo ocioso.

O relato supracitado também revela a ocorrência de um embate dentro do Conjunto Residencial Rubem Berta: enquanto alguns moradores aprovam as ocupações de espaços além dos prédios dentro do conjunto habitacional, as “garagens”,⁸ porque entendem que há necessidade de mais moradias, outros as reprovam, considerando que geram problemas no lugar.

Há outros motivos para a questão da violência, que apareceram em muitas das falas dos moradores, que diz respeito à totalidade do bairro Rubem Berta. Segundo estes moradores, o bairro é muito grande e as práticas de violência realizadas em outros conjuntos habitacionais são atribuídas ao Conjunto Residencial Rubem Berta, como demonstra o relato de uma moradora:

O que eu penso assim, que tem uma fama lá fora pra quem não conhece o Rubem Berta, tem uma imagem muito ruim aqui da Cohab Rubem Berta. O pessoal acha que o Rubem Berta é só a Cohab, mas não é só a Cohab não, o Rubem Berta ele é, tem a Santa Rosa, a Santa Fé e tem outros bairros que abrangem assim, que no caso é Rubem Berta. Quando se fala em violência no Rubem Berta, as vezes não tem nada a ver com a Cohab nossa aqui, os prédios que foram ocupados em 88, não, 87. Então o pessoal acha que tudo que tá no jornal e que as pessoas comentam lá fora, tudo é Cohab, não tem nada a ver, é um bairro muito populoso, é muita gente, tem pessoas que moram e são pobres, tem pessoas que tem dinheiro e poderiam até morar em outro bairro, mas moram aqui no Rubem Berta né, porque é um bairro que nós temos tudo aqui [...]. (Relato de entrevista de uma moradora, obtido em trabalho de campo em 2014).

A atuação da polícia militar é outro aspecto colocado por alguns moradores entre os possíveis fatores aliados à questão da violência no bairro. Esses moradores questionam o modus operandi de alguns policiais e associam a atuação destes à entrada de jovens em atividades ilícitas, como se pode perceber no seguinte relato:

(8) O documentário Dasgaragens (NEP, 2005), elaborado pelo Núcleo de Estudos e Projetos do Departamento de Arquitetura da UFRGS, apresenta os relatos de algumas pessoas que fazem das “garagens” o seu lar, assim como as diferentes percepções a respeito destes locais.

A maior violência é a polícia não respeita o cidadão. A maior violência pra mim e, é a polícia, não é a autoridade nem nada, é a polícia não respeitar o jovem. Primeiro eles batem pra depois pedir teu documento. A própria polícia coloco muito jovem na linha do crime, por não respeita, por não ter aquele respeito com o jovem, aí eles tão apanhando mesmo sem fazer nada, então se eu tô apanhando sem fazê eu vô fazê. (Relato de entrevista de um morador, obtido em trabalho de campo em 2014).

Nesse sentido, há uma série de discursos que se opõem, inclusive dentro do próprio conjunto habitacional: enquanto alguns moradores têm sentimento de insegurança, mesmo que em parte, também há moradores que se sentem muito confortáveis dentro do lugar e questionam as falas que atribuem uma forte violência ao bairro, como se registra no relato de uma comerciante que mora e trabalha no conjunto habitacional:

Mas, assim, negócio de assalto, que muitas pessoas falam que tem assalto no Rubem Berta, isso não existe, existe outras coisas né, mas, assim, dizer assim: - Ai eu tenho que fechar a minha loja porque tem toque de recolher? Eu tô aqui há 25 anos, nunca aconteceu de alguém chega aqui na minha porta e dizer - Tu tem que fechar o teu comércio, tu entendeu? Aqui o pessoal trabalha até tarde da noite, tem supermercado que tem até caixa eletrônico dentro do supermercado, se tu for ali quase dez horas da noite tá aberto o mercado [...] (Relato de entrevista de uma moradora, obtido em trabalho de campo em 2014).

Grande parte dos relatos de moradores não locais, que de alguma maneira tinham contato com pessoas do Conjunto Residencial Rubem Berta, expressavam, em um primeiro momento, a questão da violência e das carências que afligem as pessoas que moram nesse lugar. Uma professora entrevistada, que atua em uma escola no entorno, assim se manifesta:

Eu achava um bairro bem tranquilo, só que agente tá com bastante questão de violência no bairro né, tem pessoas sendo mortas, aparecendo ... Então isso tá muito forte assim pra gente que trabalha aqui e que muitas vezes mora em outros bairros e tem que vim pra essa realidade. No momento eu tô bem assustada. [...] Enfim, agora isso tá aflorado na gente, nos alunos, trazendo várias questões de violência, nesse momento, até então eu não tinha uma visão assim né [...]. (Relato de entrevista de uma moradora, obtido em trabalho de campo em 2014).

Alguns relatos não locais expressaram, assim como em relatos locais, a necessidade de adaptação de percursos dentro do bairro, de mudança de hábitos, como o de uma professora:

[...] isso, então, tá fazendo com que eu esteja reconstruindo o que eu pensava do bairro, porque, desde os tempos que eu estou aqui aconteceram alguns fatos isolados de violência, mas, no último mês tá bem, assim, bem complicado, antes eu não tinha medo, eu achava tranquilo, eu fazia compras nos bairros, nos supermercados da região, agora circulo o mínimo possível, procuro vir de carro, porque de ônibus passa bem na parte violenta. Então tá, tá um pouco difícil. (Relato de entrevista de uma moradora não local, obtido em trabalho de campo em 2014).

Todavia, houve narrativas de moradores não locais que não expressaram um sentimento topofóbico em relação ao Conjunto Residencial Rubem Berta, como uma funcionária, que, ao se referir ao conjunto habitacional, afirmou:

Eu moro na zona norte, aqui o bairro até ser locada pra cá eu nunca tinha vindo antes, pra esses lados ainda. Tem fama assim de que é um bairro violento, é o bairro do Território da Paz, aquelas coisas que deixa agente assustado, mas, durante o dia é um bairro normal, eu não sei o que acontece durante a noite, durante o dia aqui é muito tranquilo. [...] É muito tranquilo assim, o pessoal é muito bacana, contradiz o que tu ouve que são exceções né. (Relato de entrevista de uma moradora não local, obtido em trabalho de campo em 2014).

Percebe-se, por meio dos relatos, que há uma temporalidade da manifestação de violência, ou seja, há momentos em que estas práticas afloram, como nos períodos noturnos, mas também,

como foi afirmado no relato de uma liderança, em “ciclos de 4 e, às vezes, 5 anos”, que se referem a disputas por pontos de tráfico de drogas. Nesse sentido, considera-se importante afirmar que este sentimento topofóbico não se apresenta estável: ele varia no tempo e no espaço – como constatado nos relatos (locais e não locais), que revelaram um cuidado em evitar certos percursos dentro do conjunto habitacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu verificar que a abordagem geográfica pode ser relevante na desconstrução dos geografismos, o que implica a necessidade de um aprofundamento na compreensão do lugar e da paisagem como especificidade, diversidade e pluralidade.

O Conjunto Residencial Rubem Berta se constitui sobre um emaranhado de ideias e percepções de pessoas que o (re)conhecem como um espaço vivido e, por outro lado, de ideias de pessoas que têm acesso apenas à representação deste lugar, do espaço concebido. Pôde-se perceber que os estigmas atribuídos ao lugar e a seus moradores os impactam diretamente, tanto que, por vezes, esses moradores procuraram explicar ou questionar as questões relacionadas à violência. Destaca-se nos relatos locais recordações da época da ocupação que remetem às histórias de luta, de sobrevivência, de resistência, por parte das pessoas que viram na união um elemento que possibilitou suas conquistas.

Os moradores do conjunto habitacional não o percebem apenas através de experiências topofílicas, diferentemente do que foi inferido no início deste artigo, mas, também, pela coexistência de experiências topofílicas com experiências topofóbicas. Entretanto, estas percepções apresentam variações espaciais e temporais que se alternam, de acordo com as ondas de violência no bairro, ou seja, variam entre os diferentes lugares dentro do conjunto residencial e por períodos cíclicos (diurnos/noturnos e, também, anuais) – de acordo com as disputas de grupos de tráfico de drogas.

Os relatos não locais expressaram, em sua maioria, experiências topofóbicas com relação ao lugar, evidenciando sentimentos de insegurança, de medo e de desamparo no conjunto habitacional. Todavia, houve depoimentos não locais que relataram experiências topofílicas no bairro, pelas relações de afeição com moradores ou pelo trabalho realizado no lugar.

O Conjunto Residencial Rubem Berta pode ser apreendido por múltiplos olhares, vivências, grafias, por pessoas que se empenham em escrever suas histórias. Nesse lugar há carências e práticas de violências, mas também é um lugar repleto de pessoas que se manifestam por meio do grafite, da arte, da cultura do rap, de resistências e de lutas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- APPLE, M. Consumindo o outro: branquidade, educação e batatas fritas baratas. In: COSTA, M. V. (org.). **Escola Básica na Virada do Século**. São Paulo: Cortez, 1996. p. 25-43.
- ARENDDT, H. **Da violência**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985.
- AZEVEDO, P.R. **Passageiros da ilegalidade**. Cascavel: Edunioeste, 2002.
- BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BESSE, J.M. **Ver a terra**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BOSSÉ, M.L. As questões de identidade em geografia cultural. In: CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 157-179.
- DUNCAN, J.A. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, R.L. & ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Paisagens, textos e identidades**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 90-132.
- FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2 ed. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FIGUEIREDO, A.R. **Monte Esperança: múltiplos olhares sob o Conjunto Residencial Rubem Berta**, Porto

- Alegre/RS. Monografia (TCC de Geografia). Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2014.
- GAMALHO, N. P. **A produção da periferia**. Dissertação (Msc em Geografia). Porto Alegre: POSGea/UFRGS, 2009.
- GAMALHO, N. P. Remover para promover: espaço concebido e representações do espaço no bairro Restinga – Porto Alegre/RS. **GEOgraphia**, v. 12, 2011. Disponível em: <<http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/327/273>>. Acesso em 10 nov 2014.
- GAMALHO, N. P. & HEIDRICH, A. L. Periferia: A produção do espaço e representações sociais no/do bairro Restinga – Porto Alegre/RS. **Para Onde!?**, v. 2, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/22077/12840>>. Acesso em: 10 nov 2014.
- HEIDRICH, A. L. Sobre nexos entre espaço, paisagem e território em um contexto cultural. In: SERPA, A. (org.). **Espaços culturais**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 293-311.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Base de informações do Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: Centro de Documentação e Disseminação de Informações/IBGE, 2011.
- KOSÍK, K. **Dialética do concreto**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LACOSTE, Y. **A geografia**. Trad. Maria C. França. São Paulo: Papirus, 1988.
- NEP – Núcleo de Estudos e Projetos. **Dasgaragens (about garages)**. Produção de Julia Aguiar, Sabrina Motta e Fernanda Dallarosa; Fotografia: Diógenes de Moraes; Pesquisa: Douglas Aguiar; Arte Gráfica: Letícia Utermoehl, Márcio Domingues, Sabrina Motta; Porto Alegre: NEP/UFRGS, 2005. 1 DVD (45 min), son., col.
- ODALIA, N. **O que é violência?** 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- OLIVEIRA, L. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3–16.
- OLIVEN, R.G. **Violência e cultura no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- PIRES, C.L.Z.; SIMÃO, A.R.F.; POZZER, K.M.P. Representações espaciais, juventude e periferia. **FSA**, Teresina, v.10, n. 1, 2013, p. 118-138.
- RELPH, E. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, 1979, p.1-25.
- SANTOS, M.A.F. Violência urbana em Uberlândia/MG. In: MARAFON, G.J. et al. (orgs.). **Pesquisa qualitativa em Geografia**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2013. p. 327-359.
- SERPA, A. Culturas transversais: um novo referencial teórico-metodológico para a Geografia Humanista e Cultural. In: KOZEL, S., SILVA, J.C., GIL FILHO, S.F. (orgs.). **Da percepção e cognição à representação**. São Paulo: Terceira Imagem; Curitiba: NEER, 2007. p. 36-56.
- SERPA, A. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. In: CARLOS, A. F. A., SOUZA, M. L., SPOSITO, M. E. B. (orgs.). **A produção do espaço urbano**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 97-108.
- SILVA, J.M. Análise do discurso e pesquisa qualitativa em Geografia. In: RAMIRES, J.C.L.; PESSOA, V.L.S. (orgs.). **Geografia e pesquisa qualitativa**. Uberlândia: Assis, 2009. p. 91-122.
- SOUZA, M.L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I.E.; GOMES, P.C.C.; CORRÊA, R.L. (orgs.). **Geografia**. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 77-116.
- SOUZA, M.L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial (sic)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- SUERTEGARAY, D.M.A. Espaço uno e múltiplo. In: SUERTEGARAY, D.M.A.; BASSO, L.; VERDUM, R. (orgs.). **Ambiente e lugar no urbano**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2000. p. 13-34.
- TAVARES DOS SANTOS, J.S. **Violências e conflitualidades**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009.
- TAVARES DOS SANTOS, J.S.; TEIXEIRA, A.N.; RUSSO, M. (orgs.). **Violência e cidadania**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- TUAN, Y.F. **Espaço e Lugar**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.
- TUAN, Y.F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.